

# JUVENTUDE E EDUCAÇÃO: A VIOLÊNCIA NA ESCOLA - UM ESTUDO EXPLORATÓRIO

Luani Lobo da Glória<sup>1</sup>  
Dennis Soares Leite<sup>2</sup>  
Robson Farias Gomes<sup>3</sup>  
Maria José Aviz do Rosário<sup>4</sup>

**Eixo Temático:** Juventude e Educação

**RESUMO:** A violência dentro das instituições de ensino, seja ele público ou privado, tem preocupado o poder público e toda sociedade, principalmente, pela forma como esta tem se configurado. Os conflitos e violência sempre existiram, sobretudo, dentro do âmbito escolar, que é um ambiente social em que os indivíduos estão aprendendo a conviver com as diferenças e viver em sociedade. Entretanto, o ambiente escolar vem sendo destacado por se tornar cenário de diferentes formas de violência que interferem no trabalho de aprendizagem criando uma linha tênue entre o trabalho educativo e a construção do medo interferindo nas condições de vida que estes indivíduos vítima da violência possuem fora da escola. Tal temática é debatida e pesquisada pelo mundo inteiro por conta da gravidade e frequência em que se repete no cotidiano. A violência sofrida ou praticada dentro do âmbito escolar possui inúmeras formas de manifestação e tem levado consigo fortes influências para a sociedade de modo geral. As agressões psicológicas são as mais sofridas, seguindo de pequenos delitos, ameaças e destruição de objetos pessoais. Estudos indicam que a violência pode ser classificada de duas maneiras através da incivilidade e da violência simbólica, onde diferentes áreas de conhecimento e pesquisa colocam em foco suas investigações acerca deste assunto tão debatido, onde encontra-se o interesse em entender os contornos e processos que desencadeiam sua manifestação.

**Palavras-chave:** Violência. Sociedade. Âmbito Escolar.

---

<sup>1</sup> Graduanda de serviço social, [luanilobo@yahoo.com](mailto:luanilobo@yahoo.com), Universidade Federal do Para- UFPA, Programa conexões de saberes.

<sup>2</sup> Graduando de fisioterapia, Universidade Federal do Para- UFPA, Programa conexões de saberes.

<sup>3</sup> Graduando de filosofia, Universidade Federal do Para- UFPA, Programa conexões de saberes.

<sup>4</sup> Pedagoga, [mrosario@yahoo.com.br](mailto:mrosario@yahoo.com.br), Universidade Federal do Pará/Belém/PA, Coordenadora do Programa Conexões de Saberes/PROEX-UFPA e Tutora de PET/Conexões de Saberes/UFPA.

## **INTRODUÇÃO/JUSTIFICATIVA**

O fenômeno da violência contra crianças e adolescentes coloca em destaque o cenário escolar que é, depois do ambiente familiar, o espaço de maior convívio social desses indivíduos. A delimitação geográfica é compreendida como um dos elementos chave para a definição de violência escolar, percebendo que esta modalidade de violência é a que ocorre dentro do espaço físico da escola, durante o trajeto casa-escola, em locais onde ocorram passeios e/ou festas escolares programadas e em bairros e residências de alunos cujos assuntos escolares mal resolvidos repercutam em violência. (CAVALCANTI, 2009)

Quando se aborda a violência contra crianças e adolescentes e a vinculamos aos ambientes onde ela ocorre, a escola surge como um espaço ainda pouco explorado, principalmente com relação ao comportamento agressivo existente entre os próprios estudantes. (CAVALCANTI, 2009)

Paralelamente a esta preocupação social, verificou-se um grande aumento da investigação sobre este tema, em particular sobre um tipo especial de violência escolar - o bullying - termo de origem inglesa, utilizado para designar determinadas condutas de agressão/vitimização que ocorrem entre pares, no qual o abuso de alguém mais forte para com alguém mais fraco, ou o abuso de um grupo sobre uma vítima indefesa. Trata-se de comportamentos agressivos que ocorrem nas escolas e que são tradicionalmente admitidos como naturais, sendo habitualmente ignorados ou não valorizados, tanto por professores quanto pelos pais. (NESELLO, 2014)

Atualmente, o ambiente escolar aparece de maneira reiterada como espaço onde se multiplicam diferentes formas de violência, as quais estariam interferindo no trabalho educativo ou mesmo inviabilizando-o. Como consequência, verifica-se a construção de uma atmosfera de medo e de suspeição que incide diretamente sobre a conduta dos alunos e sobre as condições de vida que estes possuem fora da escola, principalmente no caso de escolas localizadas em regiões caracterizadas pela violência urbana. Nesse sentido, vê-se obliterada, muitas vezes, a possibilidade de construção de um ambiente escolar pautado pelo respeito mútuo. (NESELLO, 2014)

Pode-se ressaltar que a violência nas escolas vem sendo abordada, em grande medida, por meio de duas linhas de investigação específicas, embora não esgotem o grande arcabouço teórico que vem sendo desenvolvido. (MOURA, 2011)

## **OBJETIVO**

Nas últimas décadas, tem crescido o interesse em compreender a violência no contexto escolar, não só por suas implicações no processo de integração de crianças e adolescentes à sociedade, mas pela íntima relação que apresenta com o fracasso de objetivos mais amplos da escola, como educar, ensinar e aprender. Dessa forma, o artigo teve o intuito de fazer um levantamento sobre a violência escolar, na visão de alguns autores.

## **RESULTADO**

Segundo, (CHARLOT, 2002), o conceito de violência escolar pode ser classificado em três níveis; a violência de modo geral predominante na sociedade, as incivildades e a violência simbólica ou institucional. Sob o primeiro rótulo, estariam os atos de violência facilmente identificados pelo senso comum como golpes, ferimentos, violência sexual, roubos, crimes, vandalismo, etc. Sob o segundo, estariam as humilhações, as palavras grosseiras, a falta de respeito etc. Já no terceiro estariam as práticas que nem sempre são avaliadas pelos atores como manifestações de violência, possivelmente por estarem arraigadas no cotidiano das escolas, como, por exemplo, a violência que se estabelece nas relações de poder em sala de aula ou a minimização da importância do professor no contexto escolar.

Em todo mundo a violência escolar é debatida e pesquisada por aparecer como tema cotidiano da sociedade. O que chama a atenção é que essa problemática se torna visível a partir de acontecimentos fatais, como morte ou incidentes mais graves nos arredores e dentro das escolas, muitas vezes mascarando outros tipos de violência que acontecem nos ambientes escolares e nos espaços que os cercam. A sociedade, em geral, está preocupada com esse fenômeno que afeta o cotidiano de professores, alunos, diretores e funcionários, refletindo-se nos relacionamentos, na qualidade de ensino, no desempenho dos estudantes e seu interesse pelo estudo. (RISTUM, 2010)

A violência sofrida, ou praticada, nas escolas se manifesta de forma distinta

e sofre influências das condições de extrato social, tipo de instituição, cultura e gênero. A humilhação é o tipo de violência mais sofrida, seguida de furto, ameaça e destruição de pertences; a humilhação e furtos estão presentes nas escolas privadas e as agressões e depredações presentes nas escolas públicas; nas escolas localizadas em áreas de intensos conflitos violentos, a arma de fogo é instrumento de violência. (RISTUM, 2010)

As incivildades englobam comportamentos desafiantes que rompem regra se esquemas da vida social, sejam tácitos ou explicitados contratos sociais. Mas as chamadas incivildades não rompem, necessariamente, com acordos, regras e esquemas pedagógicos. Antes, rompem com expectativas do que pode estar tacitamente esperado como boa conduta social. Destaca-se entre as incivildades reportadas nas queixas usuais dos professores, a falta de respeito. Essa alegação, em particular, sugere a ocorrência em sala de aula, de práticas de incivildade na forma de insensibilidade aos direitos de cada um de ser respeitado como pessoa. (GARCIA, 2006, p.4)

Entretanto, quando citamos as incivildades dentro do âmbito escolar é necessário que façamos a seguinte pergunta: a violência na escola não seria o reflexo da violência na sociedade como um todo? Diversas pesquisas realizadas tanto no Brasil como em alguns países ocidentais tem mostrado um aumento significativo nos últimos tempos da micro violência também denominado de incivildade, este tipo de violência não fere os códigos penais, mas aquilo que se é esperado de uma conduta socialmente desejada por parte de cada indivíduo. A incivildade tem sido abordada como um conflito que ocorre entre pares, por exemplo, uma criança dizer uma palavra de baixo calão para outra e visto como um ato proveniente da relação de afinidade entre ambos, uma brincadeira. Entretanto, a mesma palavra ao ser direcionada para um docente transforma-se em algo inadmissível. Ao se permitir esse tipo de comportamento, estimula-se que praticas deste gênero ocorra cotidianamente passando a mensagem de que o respeito é direcionado a algumas pessoas não a todos, e que variam conforme o status. Contudo, para cada tipo de conflito existe uma forma de intervenção diferente, enquanto a indisciplina vem discuti a questão do contrato de aprendizagem, com a incivildade abre-se a discussão de como determinado comportamento afeta a

qualidade das relações de maneira geral, sendo abordada de maneira coletiva ou de maneira privada. Todavia, o que se tem observado em muitas instituições de ensino é o contrário, uma vez que, na maioria dos casos, ocorre a mesmo tipo de intervenção como se todos os atos de incivilidade fossem iguais. Atitude esta que acaba confundindo o discente não obtendo um feedback educativo que a escola poderia obter neste sentido.

Sob o segundo contexto, estariam as práticas que nem sempre são avaliadas pelos atores como manifestações de violência, possivelmente por estarem arraigadas no cotidiano das escolas, a consolidação dessa violência permite que a escola não cometa necessariamente a violência física, mas sim a violência mediante uma força simbólica e ideológica, ou seja, pela dominação que faz com que as pessoas passem a agir de uma forma que não percebem que estão recebendo e aceitando ordens.

Pierre Bourdieu (1930-2002), acreditava existir uma saída para toda essa violência simbólica, exercida inconscientemente pelos povos, bastava tornar explícito todo esse funcionamento velado da instituição, mesmo que não se queira saber. Também possuía como ideia que pelo acúmulo histórico de experiências de sucesso e de fracasso, os grupos sociais iriam criando um conhecimento prático relacionado ao que é possível ou não de ser alcançado pelos seus membros, dentro da realidade social em que vivem, e sobre as formas mais adequadas de fazê-lo. Segundo Bourdieu:

Para que sejam favorecidos os mais favorecidos e desfavorecidos os mais desfavorecidos, é necessário e suficiente que a escola ignore, âmbito dos conteúdos do ensino que transmite, dos métodos e técnicas de transmissão e dos critérios de avaliação, as desigualdades culturais entre as crianças das diferentes classes sociais. (BOURDIEU, 1998, p. 53).

Em outras palavras, a violência simbólica viria a ser o grau de compreensão na comunicação pedagógica em determinada instituição e para que isto ocorra dependerá do grau de distanciamento entre o arbitrário cultural apresentado e reproduzido pela escola, e a cultura familiar de origem dos alunos que a frequentam. Uma vez que, para os alunos oriundos de classes sociais mais elevadas, a cultura escolar viria a ser sua cultura de berço, ou seja, enquanto que a classe dominante recebe a cultura escolar como algo reelaborada e sistematizada com o que os mesmos já conhecem desde o seu âmbito familiar, para os indivíduos de sócio

vulnerabilidade social, a cultura escolar na maioria dos casos viria a ser como uma cultura estrangeira onde pouco tiveram contanto, entretanto, necessitam absorver e incorporar em sua conduta escolar. Ou seja, a “violência simbólica” praticada na maioria dos casos pelas escolas não é a perda das características culturais, familiar e a aceitação e o processo de adaptação em uma nova cultura, mas o reconhecimento, por parte dos indivíduos da superioridade e legitimação da cultura dominante. Esse reconhecimento se traduz e acaba por evidenciar uma desvalorização da cultura de origem dos indivíduos oriundos de classes mais baixas.

## CONCLUSÃO

Nesse contexto, a problemática da violência em meio escolar transforma-se em foco de investigação em diferentes áreas de conhecimento e, nesse caso, o interesse centra-se em entender os seus contornos e os processos que conformam sua manifestação. De um lado, os próprios mecanismos escolares são denunciados como produtores dessa violência. Por outro, a preocupação para com a violência incide sobre a possível porosidade das escolas às condições das áreas onde estão situadas.

## REFERÊNCIAS

BORDIEU, Pierre. **Escritos de Educação**. Petrópolis: Vozes, 1998.

CAVALCANTI, A. L. Lesões do complexo maxilofacial em vítimas de violência no ambiente escolar. *Ciência & Saúde Coletiva*, vol. 14, nº 5. Rio de Janeiro, 2009.

CHARLOT, B. A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão. *Sociologias*. São Paulo, 2008.

GARCIA, J. Indisciplina, incivildade e cidadania na escola. *Educação Temática Digital*, Campinas, v. 8, n. 1, p. 121-130, dez. 2006. Disponível em: <<http://143.106.58.55/revista/include/getdoc.php?id=898earticle=97&mode=pdf>>. Acesso em: 20 nov. 2015.

MOURA, D. A. Prevalência e características de escolares vítimas de bullying. *Jornal de Pediatria*, vol. 87, nº 1. Porto Alegre, 2011.

NESELLO, F; MESAS, A. E. Características da violência escolar no Brasil: revisão sistemática de estudos quantitativos. *Revista Brasileira de Saúde Materna Infantil*, vol. 14, nº 2. Recife, 2014.

NOGUEIRA, Maria Alice; Catani, Afrânio. Pierre Bourdieu. Escritos em Educação. Petrópolis: Vozes, 1998.

RISTUM, M. A violência escolar no contexto de privação de liberdade. *Psicologia: ciência e profissão*, vol. 30, nº 2. Brasília, 2010.